

Ensino básico, o órfão das verbas públicas

Estudo mostra que investimento do país em universidades é igual ao do primeiro mundo, mas é um dos piores na educação fundamental

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Dinheiro para educação existe, o que falta é uma melhor distribuição. O Brasil investe 5% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação, o mesmo percentual gasto pelos países mais ricos do mundo. Mas, ao distribuir os recursos, o Brasil dá preferência ao ensino superior, em detrimento do ensino básico. Dados do *Panorama da Educação* — um levantamento de indicadores feito pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) — mostra que o país mantém um investimento de primeiro mundo no ensino superior e está em último lugar na distribuição de recursos para a educação básica e média.

Cada universitário brasileiro custa US\$ 14.303 por ano. O país só perde em gasto por aluno para os Estados Unidos e Suíça, onde cada estudante custa, respectivamente, US\$ 19.965 e US\$ 18.365. No ensino básico, o Brasil gasta US\$ 870 por aluno. Menos do que o vizinho Uruguai (US\$ 920), que tem uma economia comparável à de estados como o Rio Grande do Sul. O Brasil ostenta o último lugar entre os 43 países pesquisados.

“Há uma enorme distorção dos gastos públicos no país”, afirma Maria Helena Castro, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação (Inep). “Eu chamaría de vergonhoso o que o Brasil gasta em educação básica.”

O investimento no ensino superior brasileiro é, em sua maior parte, feito pelo governo federal e escolas particulares. O ensino básico fica por conta dos municípios e estados, e a União participa de programas, como a merenda escolar e o livro didático. Mas esse não é o principal motivo das distorções.

Enquanto o ensino superior atende 2 milhões de pessoas e tem uma das menores taxas de aluno por professor do mundo — 11,8, o ensino fundamental tem 36 milhões de alunos. Cada professor tem quase 30 alunos. Mais do que isso só no Chile, Índia e Filipinas. A educação básica tem muito aluno e pouco dinheiro. O ensino superior, bastante dinheiro, mas pouquíssimos alunos.

“É óbvio que se formos dividir os recursos existentes pelo número de alunos do ensino fundamental o valor *per capita* será menor”, justifica o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. A solução, segundo governo, não é tirar dinheiro do ensino superior e colocar no básico. “É preciso aumentar a oferta de vagas sem ter que aumentar os gastos, já que a universidade brasileira está ociosa”, diz Maria Helena.

O levantamento faz a comparação de uma série de indicadores educacionais entre seus 29 países membros, os mais ricos do mundo e outros 14 convidados, entre eles o Brasil. Os números permitem analisar a educação do país em relação a seus parceiros da América Latina e os de primeiro mundo.

MELHORIA

Os dados usados se referem a 1995. Segundo o Inep, vários dos indicadores já melhoraram nesses três anos. Um deles é a taxa de atendimento escolar, que se refere ao número de crianças entre 5 e 14 anos matriculados. Outro é o salário dos professores do ensino básico em escolas públicas.

Nos números do estudo, um professor brasileiro ganha, em média, US\$ 4.402 por ano. Nesse item, o país fica em 39º lugar, à frente apenas da Rússia, Uruguai e Tailândia. “Com o Fundo de Valorização do Ensino Fundamental (um sistema



de remanejamento de recursos que estabeleceu um gasto mínimo de R\$ 315 por aluno) temos certeza que esses valores já aumentaram”, garante Maria Helena.

Um dos principais problemas apontados pelo relatório é o número de horas que os estudantes passam em sala de aula. A média brasileira é maior apenas que a da Tai-

lândia e da Suécia. “Os estudantes brasileiros passam muito pouco tempo em sala de aula”, avalia Maria Helena. “O mínimo necessário seriam cinco horas”, diz.

Esse estudo é o único, até hoje, que permite comparações de indicadores educacionais entre sistemas de ensino diferentes. Os indicadores mostram que o país con-

seguiu avançar, mas guarda disparidades enormes. Há números de primeiro mundo, como o gasto do PIB em ensino superior. Outros ainda estão abaixo de países mais pobres, como no caso do investimento no ensino básico. Isso deixa claro o seguinte: Mais do que dinheiro, o ensino no país parece precisar de maior organização.

COMPARATIVO

GASTO EM RELAÇÃO AO PIB	
Brasil	5,0%
Argentina	3,4%
Chile	3,0%
Uruguai	2,7%
Média OECD (*)	4,9%

GASTO ALUNO/ANO ENSINO SUPERIOR	
Brasil	US\$ 14.303
Argentina	-
Chile	US\$ 10.385
Uruguai	US\$ 2.289
Média OECD	US\$ 8.781

GASTO ALUNO/ANO ENSINO FUNDAMENTAL	
Brasil	US\$ 870
Argentina	US\$ 1.158
Chile	US\$ 1.807
Uruguai	US\$ 920
Média OECD	US\$ 3.546

GASTO ALUNO/ANO ENSINO MÉDIO	
Brasil	US\$ 1.018
Argentina	US\$ 1.575
Chile	US\$ 2.059
Uruguai	US\$ 1.022
Média OECD	US\$ 4.606

SALÁRIO MÉDIO ANUAL DOS PROFESSORES (primário, início de carreira)	
Brasil	US\$ 4.402
Argentina	US\$ 6.165
Chile	US\$ 10.587
Uruguai	US\$ 586
Média OECD	US\$ 18.486

POPULAÇÃO ENTRE 25 E 64 COM NÍVEL SUPERIOR	
Brasil	9%
Argentina	5%
Chile	-
Uruguai	10%
Média OECD	13%

CARGA HORÁRIA NO ENSINO BÁSICO	
Brasil	667 horas/ano
Argentina	788
Chile	860
Uruguai	732
Média OECD	791

(*) OCDE — Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico